

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

MAISA NETTO RAMIRES

**REFLEXÕES SOBRE A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ORAL PARA A
TEORIA HISTORICO-CULTURAL: APONTAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO
INFANTIL**

MARINGÁ

2016

MAISA NETTO RAMIRES

**REFLEXÕES SOBRE A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ORAL PARA A
TEORIA HISTORICO-CULTURAL: APONTAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO
INFANTIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em Pedagogia.

Orientação: Prof. Dra. Lucinéia Maria Lazaretti

MARINGÁ

2016

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE LINGUAGEM ORAL PARA A TEORIA HISTORICO-CULTURAL: APONTAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.

Maisa Netto Ramires ¹

Lucinéia Maria Lazaretti ²

RESUMO

Este artigo objetiva analisar como ocorre a apropriação da linguagem oral em crianças nos primeiros anos de vida e as implicações para o trabalho educativo na educação infantil. Para isso, essa pesquisa é de caráter teórico-conceitual, sustentada pelos princípios da Teoria Histórico-Cultural, com a seleção de obras que explicitam sobre o tema. Compreendemos que o processo de apropriação da fala ocorre por influência de ações que produzem a necessidade de comunicação na criança e que, portanto, em situações educativas é importante compreender esse processo para orientar a prática pedagógica para esse momento do desenvolvimento da criança. Concluímos que o processo de apropriação da fala é dependente de mediações externas e que a organização do trabalho educativo na educação infantil é de extrema importância para o desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Apropriação da linguagem. Teoria Histórico-Cultural. Educação infantil.

ABSTRACT

This article aims to analyze how oral language appropriation occurs in children in the first years of life and the implications for educational work in early childhood education. We understand that the process of speech appropriation occurs through the influence of actions that produce the need for communication in the child and that, therefore, in educational situations it is important to understand this process to guide the pedagogical practice for this moment of child development. For this, this research has a theoretical-conceptual character, supported by the principles of Historical-Cultural Theory, which looked for elements that allow a better understanding of this process of speech appropriation and how to guide principles for the organization of educational work in early childhood education.

Keywords: Language appropriation. Historical-Cultural Theory. Child education.

¹Acadêmica de Pedagogia – Universidade Estadual de Maringá – UEM – E-mail: maisaramires@gmail.com

² Professora Doutora da Universidade Estadual de Maringá – Departamento de Teoria e Prática da Educação – UEM – E-mail: lucylazaretti@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo, constitui-se de uma pesquisa bibliográfica teórico-conceitual, e tem por analisar como ocorre a apropriação da linguagem oral em crianças nos primeiros anos de vida e as implicações para o trabalho educativo na educação infantil Ancorada nos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, elaborada por Vygotski (1896-1934) e seus colaboradores, selecionamos trabalhos que trouxessem apontamentos sobre a apropriação da linguagem oral ao que discorra elementos para o trabalho educativo na Educação Infantil.

A Teoria Histórico-Cultural compreende que o desenvolvimento humano é oriundo das relações sociais, ou seja, o desenvolvimento da criança depende de um processo dialético tais como as condições pré-estabelecidas, de um lado a sua herança natural do organismo – o sistema nervoso humano herdado pela criança – e as condições concretas de vida e de ensino. (SILVA, VALIENGO, 2010). Portanto, todas as relações sociais que a criança estabelecer contribuem de alguma forma ao seu desenvolvimento.

Esta pesquisa justifica-se pela atuação na educação infantil e como acadêmica do curso de Pedagogia (UEM 2013-2016). Ao longo desse processo, vivenciamos situações que afloravam indagações a respeito do papel do professor no processo de desenvolvimento da linguagem oral na criança pequena. Desde o início da graduação, atuando em uma escola de educação infantil com crianças de 2 a 3 anos, e por vezes, era evidente a fragilidade e o ausência de formação para lidar com o desenvolvimento da fala daquelas crianças. Posteriormente, na disciplina Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil (2014), que ocorreu no segundo ano da graduação, era visível a falta de clareza e compreensão dos profissionais em relação a essa temática, desde o berçário observa-se que não havia um trabalho direcionado ao desenvolvimento oral da criança, e desta forma procuramos aprofundar a discussão sobre como ocorre e como atuar diante este processo.

Mesmo que saibamos que a linguagem oral está presente no dia a dia das instituições de educação infantil, nem sempre há a devida compreensão e por isso, não ocorre um trabalho intencional e organizado com as crianças. Há uma explicação para isso, segundo Augusto:

Muito comum que se pense que o desenvolvimento da fala é natural, portanto, não exige do professor uma atenção especial. Mas, não é isso o que ocorre. Embora, de fato, o desenvolvimento orgânico do aparelho fonador cumpra um papel importante na conquista da fala, isso não é tudo, pois as formas de comunicação são sempre culturais (AUGUSTO, 2003, p.52)

Para que se efetive ações educativas que visem o desenvolvimento da linguagem oral nas instituições de educação infantil, se faz necessário ter um conhecimento mais amplo sobre como as crianças aprendem a falar e a se comunicar. É neste momento que entra o papel do outro, de todos os envolvidos com a criança, quando se desenvolve a aquisição da linguagem e na construção dos diferentes discursos e suas implicações pedagógicas decorrentes deste conhecimento.

Todo contato que a criança estabelece com o mundo é sempre mediado pela linguagem (VYGOTSKY, 1985; 2002). A relação da criança com a linguagem supõe uma relação com o outro, no caso da escola, é o professor e as outras crianças que representam esse outro por meio da língua que se apresenta às crianças, por tanto, faz-se necessário refletir sobre o modo por meio do qual se efetiva essa relação social

Com isso, é notável que em instituições de educação infantil busquem estabelecer e articular um trabalho incentive e desenvolva esta nova capacidade na criança. Para Oliveira (2011, p. 46) as instituições de educação infantil podem atuar como agentes de transmissão de conhecimentos e isso deve ser feito na vivência do cotidiano das crianças com as pessoas, assim elas vão aprendendo a expressar sentimentos em situações individuais como: interpretar uma história, recordar, compreender um fenômeno da natureza, entre outros, são elementos que fazem sentido para as pessoas com quem a criança convive, portanto o uso dos mesmos como objetos culturais dão também sentido a uma relação de ensino. Tais atividades contribuem para o desenvolvimento das funções psicológicas das crianças; ela passa a ver o mundo e a si mesma de diversas maneiras.

A comunicação oral, em suas diversas formas de expressão, formal ou informal, oferta as crianças uma imersão na expressividade da sua língua. A partir do nascimento, as crianças já demonstram interesses em compreender os atos dos adultos em suas práticas comunicativas. As palavras e seus significados, e os modos de dizer são fontes da curiosidade da criança, dando assim início ao seu mundo da representação.

Vygotsky explica que a palavra linguagem, identifica a inadequação do termo a uma simples estrutura semântica composta por códigos sem função interativa, mas em contradição a isso temos que:

A linguagem deve ser entendida como a unidade molar presente na organização das ações e operações do homem com a realidade objetiva. Como instrumento, identifica a presença de características essencialmente humanas por possibilitar ao homem apropriar-se das elaborações históricas e culturais da sociedade, humanizando o próprio homem e, ao mesmo tempo, transformando a sua própria constituição e conduta. (VYGOTSKY, 2001, v.2, p. 347)

As práticas de linguagem são de natureza social e estão indissoluvelmente associadas às diversas condições de comunicação orais e escritas nas quais circulam diferentes formas de realização de oralidade.

Assim, esse texto está organizado em três momentos: no primeiro tópico denominado “A compreensão de linguagem para Teoria Histórico-Cultural” a qual trazemos a compreensão do desenvolvimento da linguagem oral em crianças para esta teoria, bem como, os processos envolvidos neste processo. O segundo momento “Apontamentos sobre a apropriação da Linguagem Oral e a Educação Infantil” em que apontamos algumas práticas que podem ser desenvolvimentos no ambiente escolar para atender as necessidades do desenvolvimento da Linguagem Oral. E em um último momento, “Resultados e discussões” com apontamentos conclusivos da pesquisa.

2 A COMPREENSÃO DE LINGUAGEM PARA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Desde o nascimento o bebê já interage com o meio que o cerca, através de gestos, choros, balbucios, e elementos-base para o desenvolvimento de sua linguagem oral. Essas mudanças e transformações dão-se nos três primeiros anos de vida da criança, é neste período que ela começa a reconhecer e conhecer a funcionalidade de objetos, começa a desenvolver e ampliar o seu vocabulário por meio da linguagem oral e compreende as primeiras regras e relações sociais.

Como todo contato que a criança estabelece com o mundo é sempre mediado pela linguagem, do outro, num primeiro momento, como intersíquico e progressivamente próprio da criança, como intrapsíquico (VYGOTSKY, apud AUGUSTO, 2007, p.53). A apropriação da fala em crianças em seus primeiros anos

de vida implica em um processo indagador, que depende de que lugar e tempo em que a criança está inserida, desde os primeiros sons e palavras são apreendidas pelas crianças como uma aprendizagem assistemática e indireta. No entanto, a complexificação e ampliação dessa linguagem verbal depende de processos intencionais e sistemáticos, tal como Augusto (2007, p.52), explica que “as formas de comunicação são sempre culturais, desta forma compreendemos a importância da mediação do profissional que estará em contato com esta criança”.

Na perspectiva Histórico-Cultural, o significado da palavra linguagem compreende a inadequação do termo a apenas uma estrutura semântica composta por códigos sem função interativa, compreendendo assim que a linguagem tem uma estrutura funcional e instrumental que possibilita aos sujeitos a interação. Portanto, a linguagem passa os limites dela mesma, ou seja, vai além da oralidade como ação motora, passa a ser também uma operação na atividade humana, desta forma, a linguagem é entendida como um elemento presente nas relações do pensamento. Isso fica claro quando Rivière diz:

O conceito de *rec* é amplo, e em Vygotsky se refere, sobretudo, à linguagem como atividade funcional, incluindo, portanto, um sentido muito pragmático, que se pode contrapor ao de linguagem como estrutura abstrata ou código analisável com independência de seu emprego interativo. Não se trata, portanto, da fala como realização motora, mas como *atividade* (deyatel 'nost') instrumental, situável no plano das unidades de análises da Psicologia, de que se falava Vygotsky. (RIVIÈRE, 1988 apud BERNARDES, 2006, p.158)

A linguagem que está sendo desenvolvida pela criança, ou se a mesma já internalizou é compreendida como uma atividade, atividade esta que permite diversos desdobramentos, comunicação, interação, realizações e aprendizagem, e, portanto, esta atividade é entendida como um instrumento essencialmente humano, ofertando ao homem elaborações históricas e culturais da sociedade, bem como, conduzir sua própria conduta por meio da linguagem oral. Sendo uma atividade exclusiva do homem, a linguagem passa a assumir um caráter de processo social e é realizada coletivamente. A linguagem, além da sua relação com a consciência e o pensamento, também acaba por relacionar-se com o trabalho, essenciais a construção da consciência no homem, uma vez que o trabalho também se caracteriza como uma atividade coletiva, que de acordo com Leontiev (1970, p.92) “uma função

imediatamente produtiva e uma função sobre os outros homens, uma função de comunicação”.

Nessa direção, para melhor compreender a linguagem, o conceito de instrumento é importante, tendo em vista que ele não é compreendido apenas como objeto com características físicas e determinadas, mas sim como um objeto social, o objeto em si é fruto da necessidade humana, constitui-se como um instrumento de significado social. Segundo Bernardes (2006) trata-se de instrumentos materiais, com significação social, desenvolvidos na atividade humana, com a função mediadora entre as pessoas e a realidade objetiva. Compreendido que instrumento é aquilo que tem origem da necessidade do homem, a linguagem é considerada um instrumento social, fruto da interação dos homens, e desta mesma interação estão os signos, criados e utilizados para estabelecer a comunicação entre os sujeitos, portanto, os signos passam a ser também instrumentos simbólicos.

Vygotsky apud Bernardes, 2006, p.164, ao estudar a relação entre pensamento e linguagem, explica inicialmente a partir da filogênese, a qual juntamente com Luria e Leontiev, procuram compreender o desenvolvimento do psiquismo humano e investigam a linguagem como instrumento simbólico constituinte das funções psíquicas superiores. Para essa relação

[...] a evolução da linguagem e do pensamento não é paralela nem uniforme. Suas curvas de crescimento se juntam e separam-se repetidas vezes, cruzam-se, durante determinados períodos se alinham em paralelo e chegam, inclusive, a fundir-se em algum momento, voltando a bifurcar-se a continuação (VYGOTSKI, apud BERNARDES, 2006, p.164)

Ainda, essa relação tem como variável tanto em quantidade, como em qualidade. E em observações clínicas e experimentais realizados por Vygotsky, observa-se que no pensamento do homem, a relação entre o intelecto e a linguagem também não é constante, além de não se assemelhar com outras funções e formas de atividade intelectual e verbal. Mas não deixa de ser a relação que nos diferenciam de outros animais, tanto o desenvolvimento da linguagem oral, bem como a relação entre a linguagem e o pensamento. Considerando estudos de Leontiev, os animais se comunicam apenas nos limites da atividade instintiva e não caracterizam um processo concreto, como ocorre com o homem, para tanto Luria explica essa diferença:

Pelo termo linguagem humana entendemos um complexo sistema de códigos que designam objetos, características, ações ou relações: códigos que possuem a função de codificar e transmitir a informação, introduzi-la em determinados sistemas. A 'linguagem' dos animais, que não possui estas características, é uma 'quase linguagem'. [...]. Portanto, a linguagem desenvolvida do homem é um sistema de códigos suficiente para transmitir qualquer informação, inclusive fora do contexto de uma ação prática. (LURIA, 1987, p.25).

A perspectiva Histórico-Cultural aponta que a linguagem e o pensamento seguem caminhos diferentes de desenvolvimento no psiquismo humano, mas para Vygotsky, há um momento considerado de maior evidência do desenvolvimento intelectual, que é quando esses dois caminhos se cruzam, portanto, a fala e atividade prática se encontram. É neste ponto, que a linguagem oral da criança pequena, dá um salto significativo, os balbucios, palavras soltas e frases desconectas, ganham significados e passam a narrar as ações realizadas, muda a sua relação com o meio vivido, desenvolve autonomia, e muda seu comportamento devido a uma reorganização no uso dos signos. Antes de ocorrer este salto, a criança relacionava mecanicamente o objeto ao nome, agora ela passa a relacionar uma palavra para cada objeto, e assim apropria-se do significado social próprio para cada um dos mesmos. Vygotsky entende o processo de apropriação dos signos quando diz que:

A criança quando vê um objeto novo, pergunta como se chama. Sente a necessidade da palavra e trata ativamente de apropriar-se do signo pertencente a cada objeto, do signo que lhe serve para nomear e comunicar-se. Se na primeira etapa do desenvolvimento a linguagem infantil é [...] afetivo-volitiva no tocante a seu valor psicológico, a partir da segunda etapa, a linguagem entra na fase intelectual do seu desenvolvimento. Pelo que parece, a criança descobre a função simbólica da linguagem (VYGOTSKY. 2001b, apud BERNARDES, 2006, p.168).

A criança pequena compreende a relação entre o signo e o significado porque sua ação mental deixa de apenas usar ideias e suas associações e passa a utilizar seus primeiros conceitos e atribuir função significativa à palavra. Essa mudança, é a ação primordial do psiquismo humano, pois a criança começa a relacionar pensamento e linguagem manifestados por meios dos signos, há, portanto, o fundamental entrelaçamento entre o signo e o significado por meio do pensamento, uma característica essencialmente humana. Assim, a criança passa a realizar suas operações concretas de forma mais livre com a ajuda da fala, além de executar

procedimentos na solução de situações problemas que não estão em seu campo visual. Nota-se também que há uma redução da impulsividade e da espontaneidade nas ações, pois a partir da fala, a criança passa a planejar e executar soluções elaboradas nas suas atividades, a fala que ocorre durante a ação possibilita à criança perceber-se na atividade como o sujeito que executa e, portanto, que planeja a própria ação (BERNARDES, 2006, p.170).

Quando a criança passa a exteriorizar seu pensamento por meio da fala, dá-se a esse fato o nome de “linguagem egocêntrica”, que pode ser entendida como a linguagem interna, que segundo Vygotsky e seus colaboradores, deve ser entendida como uma forma de transição entre a fala exterior e a fala interior, pois, conforme a criança se socializa, a linguagem passa a ganhar características de comunicação social, é esta a sua primeira função, posteriormente passa a ter a função de planejamento em diversas situações problemas. Para o autor a linguagem egocêntrica é:

A linguagem egocêntrica é interna por sua função, é uma linguagem para si mesmo, que se encontra no caminho de passagem ao interior, é uma linguagem meio incompreensível para os que rodeiam o sujeito. É uma linguagem que brota interiormente, de forma profunda no comportamento da criança [...] (VYGOTSKY, 2001b, v.2, p.108)

Significa que o desenvolvimento da linguagem nos seres humanos é correspondente à constituição das funções psíquicas superiores, não excluindo a constituição fisiológica das funções mentais, mas percebendo que por meio das relações estabelecidas em suas atividades, o ser humano compõe-se tanto no aspecto psicológico quanto no fisiológico.

Para Vygotsky (2001), o uso dos signos na composição das operações mentais da criança, possui quatro etapas fundamentais, a primeira ele chama de “primitiva ou natural”, a qual correspondente à linguagem pré-intelectual e ao pensamento pré-verbal que ocorrem nas primeiras fases de desenvolvimento humana em que a criança emite sons para chamar atenção e designar alguns desejos, como o choro dos bebês para o atendimento as suas necessidades, é a primeira emissão da linguagem externa. A segunda etapa denominou “ingênua”, fase em que a criança passa a identificar socialmente as propriedades de seu corpo e os objetos que a rodeiam, é neste momento que estabelece relação entre o signo e o significado da palavra, e a

linguagem passa a ter função comunicativa de fato, a criança posiciona-se sob os objetos e sujeitos que interage na forma de linguagem externa, esta etapa ocorre quando a criança passa a nomear os objetos de seu cotidiano.

A terceira etapa Vygotsky chamou de “fala egocêntrica da criança”, já citada neste texto, mas que vale ressaltar que é esta fase que a criança passa a usar os signos externos na realização de tarefas psíquicas, pois passa a ter um planejamento mental das ações mediado por instrumentos concretos, como recursos de memória, e por signos nos conceitos sociais, neste momento a criança já tem consciência das falas que produz, bem como o que elas expressam. Há aqui uma relação mútua entre a linguagem externa e interna. E a última fase designou como “crescimento para dentro” a qual a linguagem externa se converte em linguagem interna.

Como dito essas relações foram feitas a partir de uma visão filogenética, mas em contrapartida há a análise ontogenética, que traz que o pensamento da criança evolui a partir das influências sofridas nos meios sociais, servindo de instrumentos mediadores na atividade humana.

3 APONTAMENTOS SOBRE A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ORAL E A EDUCAÇÃO INFANTIL

A linguagem oral está presente em todas as ações de uma instituição de educação infantil, e mesmo que saibam de sua importância e como deve ser rico o trabalho com a mesma, ainda falta um pouco de estudo e informação aos profissionais que tratam com esse processo de desenvolvimento na criança pequena. Como Vygotsky (apud AUGUSTO, 2007, p.53) traz “todo contato que a criança estabelece com o mundo é sempre mediado pela linguagem”, e esta relação se dá entre a criança e outro indivíduo, e no ambiente escolar, o papel do outro é exercido pelo professor. Sabe-se a partir da perspectiva Histórico-Cultural, que o desenvolvimento da fala não é apenas natural, e sim por uma relação entre o que é natural e o que será socialmente construído.

O professor, em espaços escolares, poderá desempenhar essa principal função, ou seja, intervir e mediar esse processo para a criança, interpretando e gerando significado pelas falas emitidas pela criança. É como se o adulto “emprestasse” o seu vocabulário para a criança. Trazer os significados aos signos, além de dar a eles sua função social, e, desta forma, a criança começa a compreender

como é o discurso utilizado em seu meio, e no decorrer de seu desenvolvimento se apropriará do mesmo.

Como se sabe o desenvolvimento da fala não depende apenas do caminho de desenvolvimento da linguagem, mas também do caminho de desenvolvimento do pensamento, e mesmo que o adulto verbalize todo o seu vocabulário a criança, o pensamento tem características próprias de cada sujeito, portanto, o pensamento infantil segue uma racionalidade diferente do mundo adulto, a criança utilizará de recursos que lhe são próprios para entender as situações ocorrentes. O pensamento da criança é marcado pelo sincretismo, ou seja, de caráter confuso e global em vários aspectos da atividade mental, no sincretismo há misturados aspectos fundamentais, e todas as coisas podem se ligar a tudo, as representações do mundo real no pensamento infantil, se combinam das formas mais variadas e inusitadas, e não há, portanto, uma lógica formal. (GALVÃO, 1995, p.82 apud AUGUSTO,2007, p.54).

Portanto, para que o professor consiga fazer que suas expectativas de organização da linguagem e do pensamento chegam de maneira satisfatória até as crianças, faz-se necessário ao professor compreender aspectos teóricos dessa relação, entender o papel do outro na aquisição da linguagem oral, a construção de discursos infantis, e possibilitar esses conteúdos na formação do professor é um dos caminhos que podem tornar o desenvolvimento oral das crianças, mais proveitoso.

Bernardes (2006) considera relevante que o educador se aproprie dos mecanismos constituídos do movimento de transformação da linguagem ao longo do desenvolvimento infantil e do processo social de constituição do pensamento como função psicológica superior própria do gênero humano. Mas para a prática diária do professor, faz-se necessário que ele tenha conhecimento de algumas práticas. De acordo com Augusto (2007) três caminhos possíveis para orientar o trabalho educativo com a criança.

A primeira denominou de “Comunicar-se no cotidiano”, a qual não precisa ser necessariamente comunicação oral, mesmo que esta, em suas diversas formas de expressão oportuniza aos pequenos uma imersão na expressividade da sua língua, mas ao comunicar-se com os bebês que ainda não produzem fala, um dos pontos primordiais é o olhar nos olhos das crianças. Essa comunicação visual deve ser presente em todas as práticas de linguagem na educação infantil.

Olhar nos olhos, por exemplo, é uma condição da comunicação do bebê. Todos os momentos são propícios para isso: na hora de recebê-los no colo, ao início do dia; durante as refeições; ao longo das atividades; nas brincadeiras, etc. Observar as crianças, ouvir seus balbucios, assumindo uma atitude responsiva devem ser práticas da comunicação cotidiana dos professores desde os berçários. Nessa comunicação, que ainda não é estabelecida por meio de palavras, é preciso decodificar outros sinais: balbucios, gestos, expressões faciais, entonação e modulação da voz (AUGUSTO, 2007, p.56)

Uma segunda prática pode ser de “Brincar com os textos orais” em que se propõe ao professor o trabalho com o vasto repertório oral brasileiro, que se constitui por parlendas, cantigas de roda, adivinhas, trava-línguas, são ações educativas em que brincando as crianças compreendem a linguagem e criam um processo de significação de sentidos mediados pelo professor. Ações como essas interagem a ludicidade, a diversão, e a linguagem em si em um contexto que produza o *gosto*, *sentido* para a criança.

Em terceiro, “Produzir narrativas” como outra proposta de trabalho, em que as histórias narrativas são uma rica forma de trazer a linguagem oral para o mundo infantil.

As narrativas contadas pelo professor, na educação infantil, são a base para a construção das histórias das próprias crianças. Essa construção se dá pela interação com o mundo, representado pelo adulto, mediado pelo uso da linguagem (AUGUSTO, 2007, p.57)

Vygotsky, em seus estudos, traz que a ação mediadora, e ao professor cabe a função de garantir a apropriação de elementos culturais humanos, bem como o uso dos signos e ferramentas em cada criança. Essa mediação é fundamental já que se essa interposição provoca transformações, mudanças qualitativas e encerra intencionalidade socialmente construída e promove seu desenvolvimento (MARTINS, 2011). Nessa mesma direção, para melhor elucidar a ação mediadora Vygotsky traz:

Como já temos dito, a similaridade entre o signo e a ferramenta se baseia em sua função mediadora comum em ambos. Portanto, e desse ponto de vista psicológico, podemos incluí-los em uma mesma categoria. [...] deste ponto de vista lógico, tanto um como o outro podem considerar-se como conceitos subordinados de um conceito mais geral: a atividade mediadora (VIGOTSKY, 2000, p. 93. apud BORELLA, 2016, p.46).

Em função das relações sociais, a criança, pela mediação do professor e a partir dos signos, em especial da linguagem humana e das ferramentas constituídas historicamente pelo homem, começa a compreender as formas de comportamento humano e progressivamente, as interioriza e as utiliza a si mesmo, bem como fará com a linguagem oral. Significa que essas conquistas sociais e culturais se interiorizam e transformam-se em conteúdos do pensamento, memória, atenção e outras funções psicológicas, que dentre outras atribuições, irão controlar a conduta da criança, mediada pela linguagem (LURIA, 1987).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante este trabalho, procuramos compreender como o processo de apropriação da linguagem oral se dá na criança, ancorados pela Teoria Histórico-Cultural que forneceu elementos e fundamentos para a compreensão de conceitos necessários a este processo. Compreendemos que por meio da linguagem o homem começou a se diferenciar dos outros animais, deixou suas ações instintivas, para agora desenvolver códigos e signos que atuam na intercomunicação e na estruturação do pensamento propriamente humano. Deste modo, a linguagem assume um papel importantíssimo no desenvolvimento humano, e principalmente no desenvolvimento infantil,

A linguagem tem enorme importância para o desenvolvimento dos distintos aspectos do psiquismo infantil. A linguagem converte-se paulatinamente na principal via de acesso à experiência social. Com a assimilação da linguagem muda a percepção, a mentalidade, a memória e, de forma geral, todos os processos psíquicos da criança (MUKHINA, 1995, p. 127).

Ao longo dos estudos aqui desenvolvidos, compreendemos que a criança não estabelecerá imediatamente uma conexão entre signo e significado, mas que compreenderá no decorrer do desenvolvimento do psiquismo o significado de cada palavra, sendo esse um fenômeno do pensamento, conquista essa que depende de condições externas e de mediações adequadas. A relação entre pensamento e linguagem introduz uma nova concepção no campo da Teoria Histórico Cultural compreendendo que os significados das palavras não são definitivos, e que a ligação entre a palavra e o significado provém de uma simples associação, estabelecida “em

função da reiterada coincidência, na consciência, da impressão deixada pela palavra e da impressão deixada pelo objeto designado por essa palavra” (VIGOTSKY, 2009, p.399). Assim a linguagem e o pensamento são duas linhas distintas que percorrem o intelecto humano, no momento em que estas se encontram, forma-se um nó temporário, que se será responsável por um grande desenvolvimento, a aquisição da fala.

A partir da relação emocional e do contato social com outras pessoas, a criança começa a perceber as diferentes nuances da linguagem, compreende e diferencia as diferentes tonalidades de voz, reage ao tom da palavra e ao tom de voz dos adultos do seu entorno, e desta forma, sua linguagem progride no processo de comunicação (emocional – social) e a criança progressivamente acumula experiências culturais que lhe permitem avançar no seu processo de desenvolvimento humano. Portanto, a educação escolar deve priorizar atividades que promovam o avanço da linguagem infantil, fator que pode e deve ser estimulado pelas várias formas de linguagem humana.

Para tanto é necessário que o trabalho educativo com crianças até 3 anos deve compreender todas as necessidades, do desenvolvimento natural e para além dele, os profissionais envolvidos devem considerar o desenvolvimento da imaginação, do pensamento e da linguagem, e no planejamento de suas ações pedagógicas, respeitar a singularidade de cada aluno, para que em cada um seja preparada uma base sólida para seu desenvolvimento. A criança vai construir conhecimentos a partir de interações com outras pessoas e com o meio em que vive, por isso o ambiente e as relações estabelecidas são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem oral, assim como a interação com o professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho, tecemos algumas reflexões sobre o processo de apropriação da linguagem oral e a educação infantil. Com base nos estudos aqui desenvolvidos, consideramos que o processo de desenvolvimento da linguagem oral deve ser apresentado, discutido e compreendido pelos profissionais que estarão em contato com as crianças pequenas, para que este processo seja proveitoso e adequado, evitando danos ao desenvolvimento dos pequenos.

Para a formação de professores consideramos uma temática necessária para compreender o desenvolvimento da linguagem oral na criança pequena, para que tenham elementos de análise para o trabalho educativo que pode ser desenvolvido na educação infantil, segundo os princípios da Teoria Histórico-Cultural.

Esperamos que esse trabalho possa contribuir para formação e ação de professores que atuam com crianças pequenas em instituições educativas, fornecendo elementos e princípios orientadores para a prática pedagógica e ações de ensino promotoras de aprendizagem e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A linguagem oral e as crianças** – possibilidades de trabalho na educação infantil. UNESP, São Paulo, 2007, p.52-64.

BERNARDES, Maria Elisa Mattosinho. **Mediações Simbólicas na atividade pedagógica**: contribuições do enfoque histórico-cultural para o Ensino e Aprendizagem. 2006. 330 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BORELLA, Thaís. **Desenvolvimento da linguagem infantil à luz da Teoria Histórico Cultural**: contribuições de práticas literárias na primeira infância. Presidente Prudente: [s.n], 2016.

CHEROGLU, Simone. **Educação e desenvolvimento de zero a três anos de idade**: contribuições da psicologia histórico-cultural para a organização o ensino. USP, Araraquara, 2014.

MAGALHÃES, Giselle Modé. **Análise do Desenvolvimento da Atividade da Criança em seu Primeiro Ano de Vida**. UNESP, Araraquara, 2011.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2011.

MORGADO, Maria de Lourdes dos Santos. **Educação Infantil**: o desenvolvimento da linguagem oral em crianças de 1 a 3 anos e o trabalho do professor. UNISALESIANO, Lins, 2013.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

OLIVEIRA, R. C., **“Agora eu...”- Um estudo de caso sobre as vozes das crianças como foco da pedagogia da infância**. São Paulo: USP, 2011.

SILVA, Marinês Jesus. VALIENGO, Amanda. **O desenvolvimento da oralidade na educação infantil**. Revista Interfaces. Suzano n.2, p. 21-24. Out/2010.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001;

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991;